



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteado, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições, oferece diversas atividades e serviços como disciplinas

optativas, cursos de extensão cultural, ateliês, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada. A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitae, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível.

Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, por meio de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu. Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com

maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Kurt Schwitters

Hannover, Alemanha, 1887 - Kendal, Westmorland, Inglaterra, 1948

O jovem Kurt Schwitters estuda artes aplicadas em Hannover e na Academia de Arte de Dresden, na qual se forma em 1914. Neste período produz paisagens de caráter naturalista e impressionista, e escreve poemas e reflexões sobre arte.

Durante a I Guerra Mundial, trabalha como artesão em Hannover, onde estuda arquitetura por um breve período. Entra em contato com o Expressionismo no grupo *Der Sturm* ("A Tempestade"), em cuja revista publica poemas. Em 1918 expõe na galeria *Der Sturm*, em Berlim, a convite de seu líder, Herwarth Walden.

Com os artistas do grupo Dadá é incentivado a realizar suas primeiras colagens com refugos e restos, como papéis impressos e bilhetes de transporte encontrados nas ruas. Em 1919, numa dessas experiências com esse procedimento técnico, aparece como elemento principal do trabalho a parte de um anúncio com a palavra *Merz* impressa, fragmento de um nome alemão para Banco de Comércio (*Kommerzbank*), que fora recortado ao acaso. Octavio Paz (2002, p. 57) considera que essa palavra refere-se também a *Ausmerzen* (resíduos), *Schmerz* (pena) e *Herz* (coração). Schwitters passa a adotar esse nome em todos os seus processos criativos: "(...) senti necessidade de encontrar um nome genérico para designar essa espécie nova. Meus quadros, na verdade, escapavam às antigas classificações, tais como: expressionismo, cubismo, futurismo ou qualquer outra. Denominei, pois, todos os meus quadros, considerados como uma espécie, quadros MERZ (...). Mais tarde, estendi essa denominação à minha poesia - escrevo poemas desde 1917 - e, finalmente, a toda minha atividade correspondente. Eu mesmo, atualmente, me chamo MERZ."¹

Merz passou a ser o grupo de um homem só, uma extensão individual do Dadá, conduzida por Kurt Schwitters e desenvolvida, por exemplo, em poesias, colagens, 'instalações', arquitetura, e esculturas.

Em 1920, publica o poema *An Anna Blume* ("Ana Flor") utilizando o mesmo princípio das colagens, a partir de frases de jornais, revistas e trechos de conversas ouvidas aleatoriamente. Este poema foi muito criticado pela imprensa, devido ao seu caráter inovador. O artista permanece próximo ao Dadá, mas o aspecto menos político, mais estético e espiritual de suas obras diverge das idéias do grupo de Berlim.

A partir de 1923, torna-se amigo de Theo Van Doesburg e El Lissitzky, através do intercâmbio que estes estabelecem com a Bauhaus, tomando contato com a linguagem do Construtivismo e do grupo De Stijl. Tal influência traz alterações em sua obra, que passa a apresentar formas pontiagudas e retilíneas, em composições irregulares e caóticas. Publica a revista *Merz*, de 1922 a 1932, e funda a *Merz Werbe*, uma importante agência de publicidade e design. Experimenta a fotografia, a música, o teatro e a ópera. Funda os grupos *Die Abstrakten Hannover* e *Ring Neue Werbegestalter* e colabora com as revistas francesas, *Círculo e Quadrado* que tinha como objetivo discutir e divulgar o construtivismo, e *Abstração-Criação* que reúne artigos de artistas que executam trabalhos a partir de uma derivação abstratizante da natureza e outros que criam formas abstratas a partir de elementos geométricos.

O primeiro de seus três grandes trabalhos de ocupação espacial, datado de 1923, foi chamado, primeiramente, *Die Kathedrale des Erotischen Elends* (Catedral da Miséria Erótica), e depois batizado como *Merzbau*, que é o mesmo que 'casa Merz'. *Merzbau* era uma combinação de colagem, escultura e arquitetura que começou ocupando um canto do ateliê de Schwitters e foi gradualmente expandida para oito cômodos de sua casa em Hannover. Pode ser considerada a primeira instalação artística, onde roupas, cabelos e garrafas com urina, eram guardados em caixas e malas e presos às paredes



com arames e gesso. Nesta obra o formalismo construtivista convivia com nichos que homenageavam amigos e ídolos do artista. Foi destruída por um ataque dos aliados durante a II Guerra, em 1943.

Incomodado pela ascensão de Hitler e dos nazistas, Schwitters adquire uma propriedade na Noruega, para onde se muda em 1937. As cores vivas e luminosas das colagens tornam-se mais sombrias. Neste mesmo ano, suas obras são mostradas no Museu de Arte Moderna de Nova York, e incluídas na exposição *Arte Degenerada* em Munique. Inicia uma segunda versão *Merzbau* em Lysaker, cidade próxima a Oslo. Denominada *Haus am Bakken*, incorpora formas e elementos naturais, como pedras, pedaços de madeira e conchas. Foi destruída por um incêndio, em 1951.

Após a invasão da Noruega pelos alemães, em 1940, foge para a Inglaterra, onde permanece por algum tempo em um campo de refugiados em Isle of Man. No ano seguinte, muda-se para Londres, onde mostra suas obras na Galeria de Arte Moderna e, em 1945, transfere-se para Langdale.

Em seus últimos anos, sob precária saúde, utiliza para suas pinturas *merz* revistas americanas, quadrinhos, anúncios publicitários e imagens de obras de grandes mestres, antecedendo experiências da *Pop Art*, que influenciariam artistas como ROBERT RAUSHENBERG. Em 1947, o Museu de Arte Moderna de Nova York financia a produção de uma terceira *Merzbau*, chamada *Merzbar*, em um velho celeiro em Langdale Valley.

Kurt Schwitters afirmou que *Merzbau* continha tudo o que era importante para ele; construída em três diferentes espaços e tempos, pode ser considerada um tipo de autobiografia do artista.

Morre na pobreza e em relativa obscuridade na Inglaterra em 1948, antes de finalizar *Merzbar*, que na década de 1960 foi transferida para a galeria Hatton da Universidade de Newcastle, a fim de que fosse preservada.

¹ CAMPOS, 1975, p. 36.

Duke Size, 1946

recortes de papel e papelão sobre papel

19 x 15,8 cm

Doação MAMSP

Duke Size é produzida nos últimos anos de vida de Schwitters com materiais banais do cotidiano que seriam descartados após o seu uso imediato. Dentre os diversos tipos de papéis empregados, pode-se perceber resíduos da cultura impressa, como jornais, caixas de cigarros e um fragmento publicitário.

Nesta pintura *merz*, a apreensão objetiva da realidade é também abstração e poesia na qual o texto não é mais para ser lido, mas sim percebido visualmente, ganhando novos significados. As palavras que dão nome à obra, por exemplo, extraídas de uma aba de caixa de cigarros, foram coladas de ponta-cabeça.

Segundo Werner Schmalenbach: "[...] não se deve considerar inofensiva essa arte. Os despojos que aí são 'usados' não são meramente absorvidos pelo quadro, apesar de que se transformem em elementos de composições em cor e que sejam por isso de certo modo desvenenados. Permanecem despojos e conservam o seu 'veneno', isto é, o seu especial atrativo e seu leve nojo. Captam a nossa atenção por serem objetos curiosos. Não são ou não substituem as cores no sentido de uma arte de pintar tradicional." ¹

A produção de Schwitters se apóia na crença de uma independência da arte; para o artista, "[...] a arte é uma função espiritual do homem cuja meta é a liberação do caos da vida (tragédia). A arte é livre no uso de seus meios em qualquer forma que agrade, mas está sujeita a suas próprias leis e nada mais que elas. No instante em que se converte em arte se converte em algo muito mais sutil que a distinção de classe entre proletariado e burguesia." ²

O trabalho de Schwitters mostra sua força como contribuição de um momento em que o mundo, abalado pela guerra, tenta se reconstruir a partir de seus despojos, que convertidos pela mão do artista, se recompõem em nova organização.

O desdobramento de suas pesquisas pode ser observado na produção de artistas que emergem a partir de meados da década de 1950, como ROBERT RAUSCHENBERG e Arman.

aproximações

Professor/a, Kurt Schwitters costumava prestar muito atenção às coisas que via ao caminhar pelas ruas; o que para muitas pessoas era lixo, para o artista era um material que poderia ser usado em seus trabalhos, por exemplo: jornais, revistas, embalagens, tickets usados, passagens de trem, pregos, parafusos, pneus velhos, tábuas, pedaços de metal.

A idéia de recolocar em uso objetos descartados, tal como fazia o artista, pode remeter a um problema das grandes cidades?

Na escola ou em casa há reciclagem do lixo? Qual a importância disso?

Que tal dar nova função ao lixo como fazia Schwitters? Lembre-se que embora utilizasse lixo em suas obras, o artista não tinha uma intenção ecológica.

Observem juntos a obra **Duke Size** e proponha que os alunos recolham, durante uma semana, objetos que iriam para o lixo, mas que têm potencial para serem usados em um trabalho artístico.

Em sala de aula, organizem os materiais guardados e oriente a realização de uma colagem ou *assemblage*, conforme a quantidade de elementos bidimensionais ou tridimensionais trazidos.

Os materiais podem ser recortados, rasgados ou costurados e aplicados sobre um suporte.

Procure estimular a produção de imagens não-figurativas.

Duke Size na reprodução do pôster está bem maior do que a obra original, o que facilita a percepção de detalhes, mas inviabiliza a percepção de sua delicadeza.

Aproveitando a situação proporcionada por este material educativo, proponha que os alunos descrevam os elementos perceptíveis na obra. Eles conseguiram encontrar o recorte que dá título ao trabalho?

Como o artista conseguiu harmonizar as cores e as formas utilizadas?

É possível identificar os tipos de papéis usados?

Ao longo de sua vida Schwitters construiu três grandes obras de ocupação espacial. Hoje em dia sua experiência com a *Merzbau* é considerada, por alguns teóricos, como uma das primeiras instalações artísticas.

Estude com seus alunos o que é instalação. Eles já estiveram dentro de uma instalação? (A obra da artista REGINA SILVEIRA, pôster 47 deste material, pode ser consultada).

A palavra instalação pode soar um pouco sem sentido para os brasileiros, porque ela é uma tradução literal da língua inglesa. "To install" é o verbo inglês equivalente a montar ou instalar, e é muito usado nas "montagens" de exposições. Quando a montagem - *installation* - de certas obras passou a levar em conta o espaço expositivo, este termo ganhou conotação diferente, passando a significar um tipo de linguagem plástica.

Proponha a ocupação coletiva de um espaço da escola, levando-se em conta as características do local escolhido. É importante que o espaço utilizado possibilite a intervenção com elementos tridimensionais - o uso de uma só parede, por exemplo, não vai promover o entendimento do uso do espaço dentro da linguagem da instalação. Podem ser usados barbantes estirados de um lado a outro do espaço, carteiras empilhadas, objetos coletados e tecidos como lençóis. A maneira como os varais são organizados nas casas, ligando uma parede a outra por meio de fios, com suas roupas penduradas, madeiras de sustentação, cheiro de roupa lavada e barulho de água, pode dar uma idéia do que está sendo proposto neste exercício.

Para melhor compreensão dos textos desta ficha, pesquise: Dadá, Bauhaus, Construtivismo, De Stijl e Arte Degenerada.

¹ SCHMALENBACH, 1961, p. 6.

² Kurt Schwitters, *Manifest Proletkunst*, apud Luis Camnitzer, 1987, n. 32, p. 51.

¹ Rainer Wick, *Pedagogia da Bauhaus*, São Paulo, Martins Fontes, 1989

² Argan, *Arte Moderna*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 269

Professor/a, Acervo: Roteiros de Visita disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ATKINS, Robert. *Art Speak: a guide to contemporary ideas, movements, and buzzwords*. New York: Abbeville Press, 1990.
- CAMNITZER, Luis. "Schwitters em el MOMA". In *Arte en Colombia*, nº 32, 1987.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1975. *Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comuniquê, 2003.
- DADA 1916-1966: *documents of the dada movement*. Munchen: Goethe-Institut, 1978.
- DE MICHELI, Mario. *As vanguardas artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FER, Briony et al. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre-guerras*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- HARRISON, Charles. *Primitivismo, Cubismo, Abstração: começo do século XX*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- LUCIE-SMITH, Edward. *Movements in Art Since 1945*. London: Thames & Hudson, 1984.
- MACHADO, Regina. *Ahc ed asac: uma reflexão sobre a função da arte no magistério*. São Paulo: Secretaria da Educação/ CENP, 1989.
- MOTHERWELL, Robert (ed.) *Dada painters and poets: an anthology*. 2 ed. Cambridge: Belknap Press of Harvard Press, 1981.
- MCCARTHY, David. *Arte Pop*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- PARSONS, Michael. "Mudando direções em Arte Educação". In: *V Encontro do seminário A compreensão e o prazer da arte*, SESC Vila Mariana, agosto de 1998.
- PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 3ª edição, 2002.
- READ, Herbert. *História da Pintura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RICHTER, Hans. *Dadá: arte e anti-arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SCHMALENBACH, Werner. *Kurt Schwitters - VI Bienal de São Paulo: Exposição Alemã*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1961.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi
 Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz
 Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin
 Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suely Vilela
 Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu
 Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg
 Vice-Diretor • Kabengele Munanga
 Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo
 Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa
 Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)
 Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa
 Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortoluci

Acervo • Roteiros de Visita
 Apoio • Fundação Vitae
 Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.

Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
 Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales

Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).

Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.

Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho

Secretária • Glória Araújo Antunes

Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor);

Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da

Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de

S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-mo-

nitara); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS);

Marcela Vieira (bolsista COSEAS); René Miguel da Trindade (bolsista

COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz

(bolsista COSEAS);

Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto

da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.

Projeto Gráfico • Elaine Maziero

Arte Final • Carla C. do Carmo

Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160

05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP

Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

